

SER PAIS DE SEUS PAIS: A VELHICE E O ABANDONO FAMILIAR NOS CONTOS DURANGO KID QUASE ME PEGOU, DE ERRE AMARAL E FELIZ ANIVERSÁRIO, DE CLARICE LISPECTOR

BEING PARENTS OF YOUR PARENTS: OLD AGE AND FAMILY ABANDONMENT IN DURANGO KID QUASE ME PEGOU, OF ERRE AMARAL AND FELIZ ANIVERSÁRIO, OF CLARICE LISPECTOR

Rebeca Mendes Garcia 1

Resumo: Este artigo objetiva analisar dois contos da literatura brasileira que retratam a senescência e as suas consequências. Devido a um crescimento no envelhecimento populacional no Brasil, previsto pelo IBGE (2018), faz-se necessário refletir sobre o papel do idoso na sociedade e as mudanças dessa concepção que impactam diretamente no tratamento destinado a ele. Para tanto, buscou-se observar como a velhice é retratada na ficção, de modo a evidenciar aspectos relevantes acerca do tema. O corpus desta pesquisa foram os contos “Durango kid quase me pegou”, de Erre Amaral e “Feliz aniversário”, de Clarice Lispector, que trazem como protagonistas idosos no contexto familiar, analisados à luz de Massaud Moisés (2006) e Júlio Cortázar (2006), autores que versam sobre o gênero narrativo conto e Simone de Beauvoir (1990) e Carmen Secco (1994) quanto ao envelhecimento. Logo, concluiu-se que os idosos passam, em geral, por um processo de perdas físicas e funcionais, como também de ausências afetivas que os anulam e impedem uma existência plena na velhice.

Palavras-chave: Conto. Velhice. Abandono.

Abstract: This article aims to analyze two short stories from Brazilian literature that portray senescence and its consequences. Due to an increase in population aging in Brazil, predicted by the IBGE (2018), it is necessary to reflect on the role of the elderly in society and the changes in this conception that directly impact the treatment intended for them. Therefore, we sought to observe how old age is portrayed in fiction, in order to highlight relevant aspects about the theme. The corpus of this research was the short stories “Durango kid almost caught me”, by Erre Amaral and “Feliz Aniversário”, by Clarice Lispector, which bring elderly protagonists into the family context, analyzed in the light of Massaud Moisés (2006) and Júlio Cortázar (2006), authors dealing with the narrative genre short story and Simone de Beauvoir (1990) and Carmen Secco (1994) regarding aging. Therefore, it was concluded that the elderly, in general, go through a process of loss of physical strength, functionalities and affective absences that annul them and prevent a full existence in old age.

Keywords: Short Story. Old Age. Abandonment.

Introdução

O Brasil tem apresentado mudanças significativas quanto à demografia, isto é, a ciência que investiga quantitativamente as populações, considerando aspectos como natalidade, mortalidade, distribuição étnica e econômica. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), órgão responsável pelo censo demográfico, a população idosa (pessoas maiores de 60 anos) no país tende a dobrar nas próximas décadas, de acordo com a pesquisa atualizada em 2018. Segundo o IBGE, “a relação entre a porcentagem de idosos e de jovens é chamada de “índice de envelhecimento”, que deve aumentar de 43,19%, em 2018, para 173,47%, em 2060” (PERISSÉ; MARLI, 2019, p. 22).

O envelhecimento do povo começa a ser um problema no momento em que o processo de industrialização se intensifica e as pessoas com menos força de trabalho, doentes ou em idade avançada não podem mais contribuir com a dinâmica do capitalismo, conforme argumenta Secco (1994, p. 8) “A sociedade industrial, por exemplo, rejeita o velho na medida em que ele não oferece mais a sua produtividade.” Assim, essas pessoas perdem o seu valor socialmente e passam a ser excluídas pelo mercado e abandonadas pelos familiares, que as veem como empecilho.

Diante desse contexto, cresce a necessidade de se pensar a condição de vida às quais estão submetidos os idosos. A família integra a mais importante rede de apoio a que as pessoas nessa fase têm acesso e não pode negligenciar a responsabilidade por elas. Ademais, o Estado deve garantir segurança à pessoa idosa contra quaisquer tipos de violência.

O Estatuto do Idoso, lei 10.741/2003, elaborado para atender a presente questão, estabelece que “nenhum idoso será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão” (BRASIL, 2003). Existem, ainda, órgãos para denúncia dos maus tratos a pessoa idosa, a fim de que se efetive a proteção legal. No entanto, ainda persistem casos de negligência familiar e estatal.

Na Literatura, há discussões a respeito de realidades sociais diversas, uma vez que através da linguagem ficcional, mundos podem ser (re)criados (CANDIDO, 2000). Obras literárias referentes às minorias, como racismo e questões de gênero, já podem ser encontradas com frequência, no entanto, pouco se vê a respeito da velhice. Por isso, busca-se, neste trabalho, investigar textos literários que retratam o processo pelo qual muitos indivíduos passam até chegar à fase idosa, a fim de responder de que modo o envelhecimento é retratado na literatura publicada nos períodos moderno e contemporâneo, nos contos de Clarice Lispector e Erre Amaral.

Como *corpus* desta pesquisa, foram escolhidos dois contos, “*Durango kid* quase me pegou”, do autor tocantinense Erre Amaral e “Feliz aniversário” de Clarice Lispector, os quais são postos em análise, com vistas a verificar as transformações ocorridas na fase idosa e a relação da família com a pessoa idosa.

No primeiro tópico, definiu-se o gênero conto, destacando suas características principais, com base em Massaud Moisés (2006) e Júlio Cortázar (2006). No segundo, discutiu-se o abandono familiar durante a velhice, tendo em vista os ditames do sistema capitalista e a lógica de valor imposto por ele que, conseqüentemente, afeta a vida das famílias e a maneira de se relacionar com a pessoa idosa, de acordo com as considerações de Simone de Beauvoir (1990) e Carmen Secco (1994).

Ademais, elaborou-se um resumo a respeito do enredo dos contos e dos respectivos autores, a fim de contextualizar para os leitores. Por fim, “*Durango kid* quase me pegou” e “Feliz aniversário” foram analisados, à luz dos teóricos que embasam este trabalho, de forma a evidenciar como essas narrativas ficcionais retrataram a velhice, considerando as metáforas por meio das quais escritores representam a senescência na ficção brasileira.

O gênero conto

A palavra conto possui significados diversos a depender do contexto e do período a que se refere. Segundo Massaud Moisés (2006), existem as seguintes acepções: 1) número, cômputo, quantidade; 2) história, narrativa, historieta, fábula, “caso”. Neste trabalho, como se trata de uma pesquisa literária, considera-se a segunda definição para conto.

O conto é um gênero propriamente narrativo que contém os aspectos desse tipo textual, isto é, tempo, narrador, espaço, personagens e enredo. Em relação ao romance e à novela, esse gênero, geralmente, possui uma extensão menor, sendo chamado de narrativa curta. Moisés afirma que um conto se constitui de uma única ação, também chamada de unidade ou célula dramática. Para esse teórico, “caracteriza-se, assim, por conter *unidade de ação*, tomada esta como a sequência de atos praticados pelos protagonistas, ou de acontecimentos de que participam (MOISÉS, 2006, p. 40, grifos do autor).

A partir disso, os outros elementos do conto são condicionados, na medida em que o espaço precisa ser restringido, do mesmo modo que os personagens não têm como circular em muitos lugares, para não gerar um prolongamento da narrativa fugindo à proposta do gênero. Contudo, Moisés (2006) ressalta que isso pode acontecer, caso seja uma necessidade imposta pelo conflito, o que acontece raramente. Do mesmo modo, o teórico afirma que os acontecimentos do conto ocorrem em um curto lapso de tempo, caso contrário tendem a se tornar uma novela ou romance, à medida que se estende. Assim, “o conto, voltado que está para o centro nevrálgico da situação dramática, abstrai tudo quanto, na esfera do tempo, encerra importância menor” (MOISÉS, 2006, p. 45). As personagens, por sua vez, também são reduzidas e poucas protagonizam as ações no conto, não sendo comum a existência apenas de uma em virtude da necessidade de conflito.

Para Júlio Cortázar (2006), no entanto, não existem leis para se escrever um conto, há, no máximo, pontos de vista acerca da estrutura desse gênero. A fim de melhor exemplificar, o autor compara o conto ao romance, da mesma forma que estabelece semelhanças e diferenças entre o cinema e a fotografia. Nessa perspectiva, o conto está para a fotografia, ao passo que o romance se desenvolve como o cinema:

Enquanto no cinema, como no romance, a captação dessa realidade mais ampla e multiforme é alcançada mediante o desenvolvimento de elementos parciais, acumulativos, que não excluem, por certo, uma síntese que dê o “clímax” da obra, numa fotografia ou num conto de grande qualidade se procede inversamente, isto é, o fotógrafo ou o contista sentem necessidade de escolher e limitar uma imagem ou acontecimento que sejam *significativos*, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de *abertura*, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto (CORTÁZAR, 2006, p. 151-2, grifos do autor).

Depreende-se que o conto deve ser uma narrativa limitada no tempo, no espaço e na quantidade de personagens, mas que apresente uma forma significativa que tenha qualidade e consiga prender a atenção do leitor e projetá-lo para além do que foi narrado. Sobre o leitor, Cortázar relembra a afirmação de um escritor a quem chama de “escritor argentino amigo do boxe” para mencionar que “[...] nesse combate que se trava entre um texto apaixonante e um leitor, o romance ganha sempre por pontos, enquanto que o conto deve ganhar por *knock-out*” (CORTÁZAR, 2006, p. 152).

O contista deve ter em mente que não deve extrapolar aquilo que cabe a esse gênero, considerando os elementos essenciais e, principalmente, a necessidade de atrair e manter a atenção do leitor até ao desfecho da narrativa. O conto, portanto, não abarca a totalidade da vida das personagens criadas ou a desenvolve amplamente, mas sim apresenta uma amostragem, uma parte representativa e relevante que permite tantas leituras quanto um texto considerado longo.

A velhice e o abandono

O conceito de velhice varia conforme a época e o local nos quais se busca a definição. Carmen Secco, na obra *Além da idade da razão: longevidade e saber na ficção brasileira*, apresenta um panorama a respeito desse conceito para fins de introdução, pontuando concepções de velhice tanto na antiguidade, quanto na modernidade.

A autora afirma que o envelhecimento está vinculado a mutações biológicas, mas também deve-se considerar os “determinantes sociais que tornam as concepções sobre a velhice variáveis de indivíduo para indivíduo, de cultura para cultura, de época para época” (SECCO, 1994, p. 10).

No Ocidente e no Oriente, por exemplo, há diferenças pontuais, como é o caso da China, mencionado por Secco, onde o idoso ocupa uma posição importante de respeito, porque ele é a representação de sabedoria daquele povo que professa o taoísmo. Em algumas sociedades antigas da África, por sua vez, envelhecer implicava ser guardião de tradições e elo com os antepassados, sendo uma fase revestida de sacralidade. Para Simone de Beauvoir,

[...] o que define o sentido e o valor da velhice é o sentido atribuído pelos homens à existência, é o seu sistema global de valores [...] Segundo a maneira pela qual se comporta para com os seus velhos, a sociedade desvenda, sem equívocos, a verdade – tantas vezes cuidadosamente mascarada – de seus princípios e seus fins (BEAUVOIR, 1990, p. 97).

Nesse sentido, a sociedade desmascara qual a ideia de existência e, sobretudo, o valor da vida predominantes quando atribui um sentido para a velhice. Mais que isso, as pessoas deixam claro quais valores possuem na forma como tratam os idosos, pois são eles a base social. A figura do ancião, nas sociedades tradicionais, representa todo o arcabouço cultural, religioso, familiar e ancestral que pertencem ao seu povo. Por outro lado, a negligência e o abandono da pessoa idosa, que fica à mercê de cuidados alheios de asilos, hospitais ou desconhecidos, demonstram o nítido juízo de que não há mais utilidade para ela.

Na modernidade, a concepção de senilidade se altera mais significativamente a partir da Revolução Industrial no século XIX, pois o surgimento das fábricas, a precarização do trabalho e separação entre burgueses e proletários modificam a vida social e a organização familiar, implicando novas ideias acerca da infância e da velhice. Secco (1994) argumenta que como as crianças e os velhos não podem participar da produção e contribuir para o alcance do lucro, são reificados, à medida que perdem seu valor em detrimento dos jovens aptos para o trabalho.

Ademais, a velhice, nessa época, começava cedo, por favor dos quarenta e cinco a cinquenta anos e a pessoa nessa faixa etária começa a passar pelo processo de exclusão e marginalização, uma vez que está fora do mercado de trabalho e desamparado pelo Estado, até surgirem políticas públicas para esse fim. Logo, “a moral do trabalho suga aqueles que se encontram no auge de suas forças físicas e superprotege, sublimadamente, ou reifica os infantes e os idosos, uma vez que estes não contribuem com sua mais valia” (SECCO, 1994, p. 19).

No decorrer do século XX, as sociedades já estavam cada vez mais industrializadas e, conseqüentemente, a pessoa idosa mais marginalizada, muito embora já houvesse avanços na ciência médica que pudessem prolongar o tempo de vida e melhorar a assistência a idosos. Tanto Beauvoir quanto Secco baseiam seus estudos da velhice na luta de classes proposta pelos teóricos marxistas e analisam esse período da vida humana de acordo com a classe a qual o indivíduo pertence.

Nas camadas pobres, muitos velhos, ao perderem a capacidade produtiva, se tornam um fardo para a família e são abandonados em asilos; os que perambulam, “caducos”, pela rua são objeto de mofo da criança. Já, nas famílias de classe média, perpetuando a figura romântico-burguesa do

avô bonachão, o ancião se torna meros cúmplices dos netos [...] Nos extratos ricos da sociedade, entretanto, o velho que possui bens é, muitas vezes, venerado, por interesse, e continua e exercer, de certa forma, o papel de patriarca (SECCO, 1994, p. 22).

Nessa perspectiva, conforme Secco, o abandono familiar é sofrido por idosos das classes mais pobres, devido à condição socioeconômica que não lhes assegura um suporte financeiro para os cuidados necessário. Enquanto os abastados, membros de classes média ou rica, já recebem outro tratamento, pois eles têm condições melhores de sobrevivência, como também riquezas que geram bajulações e aproximações interesseiras.

Contudo, observa-se, na contemporaneidade, o aumento da negligência aos velhos, o abandono em casas de apoio em todas as classes sociais, em virtude da aceleração da vida, do excesso de trabalho e de interações virtuais que impedem os momentos de interação com os avós e avós. Estes, então, perdem o lugar de ancião e conselheiro das novas gerações e passam a ser sinônimo de mais trabalho e dependência. Logo, as raízes e os vínculos com o passado tornam-se aspectos desnecessários da vivência, impactando diretamente no relacionamento com os idosos.

A perda da saúde física também se torna angustiante para os idosos, que, além de perderem a ação produtiva e a atenção das pessoas, ficam debilitados, sem possibilidade, por exemplo, de caminhar ou se alimentar, o que aumenta a dependência dos outros para atividades simples do dia a dia. Então,

Compreende-se porque eles se sentem tão inclinados a retornar à infância: é que esta os possui. Eles se reconhecem nela porque – mesmo que por um determinado tempo tenham desejado ignorá-la – ela não deixou de habitá-los. Há ainda outra razão: a existência funda-se, transcendendo-se. Mas - sobretudo quando se atinge uma idade muito avançada – a transcendência esbarra na morte. O velho tenta fundar sua existência, assumindo seu nascimento, ou, pelo menos, seus primeiros anos de vida. A aliança infância-velhice que constatamos num plano sociológico é interiorizada pelo indivíduo. No momento de sair da vida, ele se reconhece no bebê que saía dos limbos (BEAUVOIR, 1990, p. 459).

Diz-se, então, que o envelhecimento se assemelha à infância e, como em uma espécie de retorno ao tempo, os avós voltam a ser crianças, porém crianças abandonadas.

Representações da velhice nos contos “Feliz aniversário” e “Durango Kid quase me pegou”.

O *corpus* desta pesquisa são dois contos por escritos da literatura brasileira, Erre Amaral e Clarice Lispector. Neles, buscou-se observar como se apresenta a velhice nas narrativas e de que modo as pessoas idosas são retratadas nos núcleos familiares.

Durango Kid quase me pegou

Roberto Amaral, professor e escritor tocantinense, possui 5 (cinco) livros publicados de vários gêneros como contos, romances, poemas e ensaios. Reconhece-se como o escritor Erre Amaral, nome artístico que advém do som da primeira letra do seu primeiro nome. O conto em estudo, “Durango kid quase me pegou”, foi publicado em uma coletânea chamada “Sem a loucura não dá: a poesia de Sérgio Sampaio em prosa”, organizada por Aline Dias e Gustavo Binda.

O título da narrativa remete à canção “Eu quero é botar meu bloco na rua”, do álbum de mesmo nome lançado em 1970, de Sérgio Sampaio, pertencente ao movimento tropicalista

brasileiro, uma contracultura, cujos artistas se contrapunham à Ditadura Militar de 1964. Nesse contexto, os militares repreendiam os artistas e censuravam as manifestações consideradas ameaças ao regime (ARAÚJO, 2009).

Durango Kid, um personagem de filmes faroestes, é um *cowboy* pistoleiro, comum nesse gênero fílmico. Segundo Araújo (2009, p. 106), “Durango Kid é a citação do herói mascarado, um *cowboy* justiceiro vestido de preto que cobre parte do rosto, fazendo justiça com as próprias mãos (isto é, de forma marginal).”

Na canção de Sampaio, pode-se compreender que o Durango representava os militares e a violência do período, de maneira metafórica, haja vista a censura pela qual passavam as obras artísticas. Ao usar o trecho “Durango kid quase me pegou” como título do conto, Erre Amaral demonstra a atmosfera de medo e tristeza, considerando o significado da música e antecipando a temática da narrativa.

Ainda em referência à música, Erre coloca o trecho “Há quem diga que não sei de nada, que eu não sou de nada e não peço desculpas” no início do conto, como epígrafe, que ganha um novo sentido após a leitura, denotando a fraqueza e a insignificância atribuídas ao personagem que está à beira da morte. Não se sabe muito a respeito dos dois personagens da história, pois eles não têm nome, apenas se percebe a relação de pai e filho.

A narração é realizada pelo personagem que representa o filho, em primeira pessoa, o qual conta a chegada no galpão – hospital improvisado – onde o pai está internado e bastante debilitado “Vejo-o no leito 39. Mais magro. Bem mais magro. Abatido, pálido, barba encanecida e por fazer, cabelos ralos, desgrehados, rosto macilento” (AMARAL, 2017, p. 63).

O filho, ao visitar o pai, se emociona ao vê-lo naquela situação deplorável de saúde e descreve os fatos que seguirão, próprios do ambiente no qual estão. O gotejar do soro, os outros enfermos, a monotonia do espaço permeado de jalecos brancos das enfermeiras. Depois, o narrador conta todo o processo pelo qual o idoso tem que passar para realizar um exame simples de ultrassonografia.

A narrativa se passa em poucos minutos, porém carrega uma simbologia do tempo muito marcante ao mostrar detalhadamente a decadência daquele homem narrada pelo filho. A ação gira em torno da necessidade de se fazer um exame, para o qual o enfermo precisa se deslocar. Levado nos braços, chega à sala de exames, mas um incidente constrangedor acontece, o homem urina na roupa, depois de muita espera e dor na bexiga, devido ao atraso na realização do ultrassom. A enfermeira se mostra indiferente, como se aquele episódio fosse banal.

A partir de então, se vê a fragilidade do pai que está dependente do único visitante. Esse rapaz o leva de volta ao quarto e dá banho no senhor nu, o que o deixa envergonhado e triste naquela situação embaraçosa. Ademais, resolve defecar e esse momento é descrito pelo narrador como se estivesse a falar da vida fugaz, cruel em seu fim: “sentiu vontade de defecar, era diarreia. Um invencível fedor de merda inundou o apertado banheiro, a merda da vida no desvão da morte” (AMARAL, 2017, p. 64).

A dicotomia entre vida e morte é evidenciada em todo o conto, assim como a comparação implícita entre a velhice e a infância, haja vista os protagonistas terem trocado os papéis de pai e filho, sendo este último o senhor de idade que dependente do outro para realizar as simples necessidades básicas, como declara o narrador “De repente, ele era uma criança indefesa em meus braços. Uma criança que precisa de todo tipo de ajuda para se vestir, para amarrar os cadarços” (AMARAL, 2017, p. 64). A história se encerra no relato do instante em que o idoso sente paz, a qual lhe falta na maior parte do tempo, pois o envelhecimento, a doença e a dependência total do filho o fazem sentir-se incapaz e infeliz.

Feliz aniversário, de Clarice Lispector

Clarice Lispector, ucraniana e naturalizada brasileira, produziu vasta obra composta de romances, em geral, introspectivos e contos diversos. O conto “Feliz aniversário” foi publicado no livro “Laços de família”, coletânea de contos de 1960, cuja temática geral se refere ao universo familiar e suas relações.

Um narrador onisciente introduz a história contando que o dia era de celebração do aniversário de d. Anita que completara 89 anos. As pessoas estavam chegando à casa da ani-

versariante, onde morava com sua única filha mulher, a Zilda, que cuidava de tudo. Observa-se a chegada das noras da senhora Anita, as quais eram descritas de acordo com o setor onde moravam e isso era uma forma de ironizar o padrão de vida e os valores daquelas pessoas.

A nora da “Olaria” foi para a festa apenas com os filhos, duas meninas e um rapaz, todos cheios de adereços com anáguas engomadas, vestido de paetês e terno e gravata, características que apontam para a futilidade deles. O marido, filho de d. Anita, não fora, porque não queria ver o irmão – deixa claro o narrador. A nora entra, mas não se dirige à aniversariante e se aquieta em um canto. Logo, nota-se algo estranho naquele núcleo familiar.

Como uma espécie de competição, o narrador apresenta a segunda nora da aniversariante, a nora de Ipanema, também desacompanhada do esposo, com as crianças e a babá. Do mesmo modo, a mulher cumprimenta friamente e se ocupa logo em cuidar do bebê, a fim de evitar interações com os outros da festa.

Zilda, a filha mulher - aquela a quem é atribuído socialmente o papel de cuidar dos pais idosos – preparou todos os detalhes da decoração, do bolo e permanece cuidando da mãe, que está na cabeceira da mesa sem se manifestar, como se já não estivesse ali: “Os músculos do rosto da aniversariante não a interpretavam mais, de modo que ninguém podia saber se ela estava alegre. Estava era posta à cabeceira. Tratava-se de uma velha grande, magra, imponente e morena. Parecia oca” (LISPECTOR, 1998, p. 56).

A família de José e Manoel chegam e alvoroçam o local, em uma animação que se percebe forçada. Mesmo com as tentativas de mudar o clima e a postura séria e estática da mãe, não obtiveram sucesso. A senhora continuava na sua atitude de indiferença, enquanto os filhos e noras aproveitavam a comida, para a qual não contribuíram, deixando as despesas às custas de Zilda.

Nota-se que o abandono da d. Anita se dá por todos os filhos e noras – com exceção da filha mulher – de diversas formas: material e emocional. A atitude da idosa demonstra entender isso, de tal modo que não se alegra com a comemoração eventual, porque, na maior parte do tempo, não tem a presença da família. Após cantarem os parabéns e a velha cortar violentamente o bolo, o narrador conta os pensamentos de d. Anita e, assim, explica o porquê daquela reação fria e indiferente:

[...] Mas, piscando, ela olhava os outros, a aniversariante. Oh o desprezo pela vida que falhava. Como?! como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? Ela, a forte, que casara em hora e tempo devidos com um bom homem a quem, obediente e independente, ela respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos e lhe honrara os resguardos. O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas. Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão (LISPECTOR, 1998, p. 60).

A senhora, depois de tomar essa atitude, é repreendida por Zilda e passa a ser tratada como filha, a quem é necessário ensinar boas maneiras. A senhora, por sua vez, continua a resmungar mentalmente e a criticar a família que gerara com bastante raiva por considerar todos “fracos e azedos” nas suas superficialidades. Em um acesso de fúria, expôs o que pensava e expulsou aquelas pessoas que se diziam ser familiares: “[...] que o diabo vos carregue, corja de maricas, cornos e vagabundas!” (LISPECTOR, 1998, p. 61).

A hipocrisia da visita dos filhos no aniversário e a fúria de d. Anita se confirma assim que José despede da mãe e exclama: “Até o ano que vem! disse José subitamente com malícia,

encontrando, assim, sem mais nem menos, a frase certa: uma indireta feliz! Até o ano que vem, hein?, repetiu com receio de não ser compreendido.” Em resposta, os outros confirmaram: “Adeus, até outro dia, precisamos nos ver. Apareçam, disseram rapidamente” (LISPECTOR, 1998, p. 62). Desse modo, a história se encerra e o narrador explicita o destino de muitos idosos: à espera da morte, tornam-se fardos ou enfeites.

Considerações Finais

À luz das teóricas Beauvoir (1990) e Secco (1994), buscou-se explicar acerca da condição da pessoa idosa no Brasil, baseando-se na crítica ao modo de produção capitalista e suas consequências na vida familiar. As autoras analisam o cenário do século XX, quando a industrialização modificou o cotidiano das pessoas e, conseqüentemente, suas relações se tornaram mais distantes.

Essas transformações continuam acontecendo, à medida que, neste século, as casas são invadidas por recursos tecnológicos cada vez mais avançados e a lógica da produtividade se intensifica, gerando, assim, um novo sentido para a velhice. O idoso deixa de ser o guardador da sabedoria, o ancião conselheiro a quem todos recorriam quando se era necessário e tornam-se pessoas improdutivas e incapazes, segundo valores capitalistas.

Em virtude disso, aumentam os casos de idosos abandonados em asilos ou em suas próprias casas, negligenciados pelos familiares. O Estado publica o Estatuto do Idoso em 2003, documento que rege os cuidados com a pessoa idosa e pune maus tratos. Contudo, não se vê, ainda, discussões mais profundas quanto à relação na família, instituição responsável por seus entes nessa fase da vida.

Analisou-se como a senescência é retratada na literatura brasileira, evidenciando aspectos relevantes para a compreensão do assunto. Em “*Durango kid* quase me pegou”, nota-se a debilitação sofrida na velhice e como isso torna a pessoa vulnerável e dependente dos mais próximos, principalmente cônjuge e filhos. Há, pois, a percepção de que a vida é uma espécie de ciclo que, na fase final, o indivíduo se assemelha a uma criança quanto à vulnerabilidade, com exceção do destino que já não é mais o futuro, e sim a morte.

No segundo conto, percebe-se a relação do idoso com a família e confirma-se o abandono que ocorre como consequência de uma mudança social e histórica, através da qual se inutiliza a pessoa velha. Como expresso em “*Feliz aniversário*”, os filhos e netos só buscam a matriarca da família nas datas festivas e, mesmo nelas, não dedicam tempo e atenção a eles. A pressa e as exigências deste tempo distanciam as famílias de seus familiares e, por conseguinte, são deixados à mercê de cuidadores, quando se é possível ou sozinhos até o término da vida.

Referências

AMARAL, E. *Durango kid* quase me pegou. In: DIAS, A.; BINDA, G.(orgs.). **Sem a loucura não dá: a poesia de Sérgio Sampaio em prosa**. Vitória: Cousa, 2017.

ARAÚJO, L. A. B. **Sérgio Sampaio e a paródia tropicalista em *eu quero é botar meu bloco na rua***. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/js-pui/bitstream/tede/6281/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 5 set. 2020.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8 ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

CORTAZÁR, J. Alguns aspectos do conto e do conto breve e seus arredores. In: **Valise de cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LISPECTOR, C. Feliz aniversário. In: _____. **Laços de família**. Rio de Janeiro: 1998.

MOISÉS, M. **A criação literária**: Prosa I. São Paulo: Cultrix, 2006.

PERISSÉ, C; MARLI, M. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/d4581e6bc87ad8768073f974c0a1102b.pdf. Acesso em: 5 de set. de 2020.

SECCO, C. L. T. **Além da idade da razão: longevidade e saber na ficção brasileira**. Rio de Janeiro: Graphia, 1994.

Recebido em 06 de setembro de 2021.

Aceito em 27 de setembro de 2021.